

**ESTRELAS E ESTAÇÕES: COSMOLOGIA E AGRICULTURA
NO LIVRO I DO *DE RE RUSTICA* DE VARRO**

*Lais Duarte*¹

Resumo: O polímata republicano Marcus Terentius Varro foi considerado em seu tempo como “o mais erudito dos romanos”, ainda assim, passou por décadas de obscuridade e só nos últimos anos tem se tornado objeto de interesse da comunidade acadêmica. Nossa trabalho faz parte desse fluxo de pesquisas que identificam em Varro um grande potencial de contribuição para os estudos voltados à erudição antiga. Este estudo tem por objetivo identificar a interpretação varroniana da cosmologia aplicada à agricultura e à gestão de terras agrícolas. Através das atividades intelectuais de Varro, buscaremos caracterizar a República Tardia enquanto palco de uma intensa produção intelectual e científica. A leitura da nossa fonte, o *De re rustica*, será realizada a partir da abordagem apresentada por Liba Taub, que reconhece diferentes gêneros textuais antigos enquanto potenciais comunicadores científicos.

Palavras-chave: História Intelectual; República Tardia; cosmologia; agricultura; *De re rustica*.

**STARS AND SEASONS: COSMOLOGY AND AGRICULTURE
IN BOOK I OF VARRO'S *DE RE RUSTICA***

Abstract: The republican polymath Marcus Terentius Varro was considered in his time as "the most learned of the Romans." Nevertheless, he endured decades of obscurity and only in recent years has he become a subject of interest within the academic community. Our work is part of this wave of research that finds in Varro a significant potential contribution to the studies of ancient erudition. This study aims to identify Varro's interpretation of cosmology as applied to agriculture and the management of agricultural lands. Through Varro's intellectual activities, we seek to characterize the Late Republic as a stage of intense intellectual and scientific production. Our reading of our source, *De Re Rustica*, will follow the approach presented by Liba Taub, who recognizes various ancient literary genres as potential scientific communicators.

Keywords: Intellectual History; Late Republic; cosmology; agriculture; *De re rustica*.

A República Tardia romana foi palco do que especialistas em História Antiga costumam chamar de florescimento cultural. Alguns dos mais influentes trabalhos de linguística, agricultura, política, filosofia, religião, dentre outros, foram escritos por um grupo de eruditos que foram proeminentes para história intelectual da Roma Antiga, e até os dias atuais desempenham papéis significativos em diferentes debates. Dentre os nomes que compõem esse grupo, destaco a participação de Cícero, Varro, Catão, Brutos, Ático e Júlio César; estes homens liam e reagiam aos textos uns dos outros, além de terem constituído o que Katharina Volk identifica como “redes de intercâmbio através da dedicação mútua de livros” (VOLK, 2021, p. 05).

Ao nos propormos a trabalhar com uma história intelectual da Roma Antiga, algumas considerações precisam ser feitas. O próprio termo intelectual é uma invenção do XIX, empregado como forma de descrever alguém que usa a razão e o conhecimento escrito, que se

¹ Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UNIRIO, sob orientação da Prof.^a Dra. Claudia Beltrão; com o projeto de pesquisa intitulado: O divino e o cosmos: uma leitura do *De re rustica* de Varro. Contato: lais.duarte@edu.unirio.br

dedica ao pensamento crítico e participa do debate público. Ainda que na antiguidade não seja possível encontrar o emprego do substantivo intelectual, compreendemos que sua descrição se alinha às atividades exercidas pelos eruditos do nosso recorte. Quanto ao campo da história intelectual, este tem significado coisas diferentes para muitos pesquisadores que debatem a definição do campo e sua relação com outras disciplinas, como a história da ciência e a história cultural. No entanto, podemos traçar um princípio básico que tem estado no centro de muitas pesquisas sobre a história da erudição, que é o reconhecimento de que “as ideias e as estruturas linguísticas que são expressas não surgem no vácuo, mas em um contexto histórico, político, social e cultural” (VOLK, 2021, p.04). Assim, buscaremos esboçar o contexto no qual Marcus Terentius Varro (116 a.C - 27 a.C) estava inserido, reconhecendo-o como um personagem ativo no cenário político, militar e intelectual de Roma. Objetivamos com este artigo apresentar Varro enquanto um intelectual e através de sua obra *De re rustica*, buscamos compreender a interpretação varroniana da cosmologia aplicada à agricultura.

Assim como outros eruditos romanos do século I antes da nossa era, Varro fazia parte de uma elite senatorial que era intelectualmente ativa, no entanto, precisamos ressaltar que esses homens não eram pertencentes a uma classe intelectual. Varro não praticava a erudição como profissão, inclusive, ele e outros eruditos, como Cícero, faziam questão de se distinguir daqueles que eram estudosos em tempo integral. Esses eruditos reconheciam-se como uma elite cuja erudição era parte integrante de seu estilo de vida que tinha como cerne as atividades na esfera política.² Ou seja, não podemos deixar de reconhecer a importância que a política exerceu sobre as atividades intelectuais de Varro, no entanto, não nos ateremos aqui a uma descrição sumária sobre seus feitos políticos³. Nossa esforço estará concentrado em compreender sua face intelectual, reconhecendo como plano de fundo a relação intrínseca entre a esfera pública e sua erudição. A partir dessa abordagem, esperamos ser capazes de identificar, ainda que em parte, as principais características que compõem o pensamento varroniano, principalmente a interpretação varroniana da cosmologia aplicada à agricultura.

Este artigo não se propõe a traçar os desenvolvimentos que levaram à proliferação de práticas eruditas no século I antes da nossa era, ainda assim, alguns apontamentos precisam ser

² Um estudo acerca da relação entre a elite senatorial romana e atividades intelectuais foi brilhantemente desenvolvido por Katharina Volk em seu livro “The Roman Republic of Letters. Scholarship, Philosophy, and Politics in the Age of Cicero and Caesar” de 2021. Outro trabalho que pode ser consultado para compreender a relação dos romanos com a filosofia é o “Philosophy and philosophi From Cicero to Apuleius” de Harry Hine de 2015.

³ Para mais informações acerca dos outros aspectos da vida de Varro, ver Dahlmann, H. “M. Terentius Varro” de 1935b; Matheus Trevizam “Linguagem e Interpretação na Literatura Agrária Latina” de 2006; Katharina Volk “Versions of Varro” de 2020.

realizados de modo a contextualizar nosso objeto de estudo. Nesse sentido, partiremos da compreensão de que a expansão do território romano proporcionou um grande fluxo não só de riquezas e pessoas, mas também de conhecimentos e ideias, e isso se deu principalmente pelo contato cada vez maior com a cultura grega. Essa movimentação estimulou a elite romana a pensar sobre como entender e transmitir informações sobre os mais diversos campos de ideias, o que proporcionou um grande movimento intelectual de formalização e sistematização. Nesse sentido, os romanos se esforçaram em classificar, traçar distinções e articular novas definições⁴. Ainda que a história do desenvolvimento cultural romano seja compreendida como parte da história da Helenização, a cultura literária romana não apenas traduziu pensamentos e escritos gregos, mas também o adaptou, o transformou e criou um discurso próprio, específico em sua forma e em seu conteúdo (VOLK, 2021, p.23).

Varro foi considerado por seus pares um dos mais eruditos entre os romanos. Ele foi um dos escritores mais prolíficos da antiguidade, e estima-se que sua obra completa constava de setenta e quatro títulos, aproximadamente seiscentos livros, nos quais abordou os mais diversos temas. Seus trabalhos se tornaram referência para muitas disciplinas, e Katharina Volk o situa como integrante da vanguarda dos desenvolvimentos intelectuais do seu tempo (VOLK, 2021, p.09). Apesar de seu notório potencial de contribuição para pesquisas voltadas à erudição antiga, as obras de Varro passou por décadas de obscuridade e só recentemente suas poucas obras conservadas têm recebido novas edições e análises.

Ainda que suas obras abordassem assuntos distintos, elas compartilhavam um interesse comum pelo presente de Roma, que é explicado através de seu passado, e por vezes adotando a etimologia como uma metodologia. Além disso, podemos observar através das poucas obras conservadas (*De lingua latina e De re rustica*) que elas se assemelham em seus mecanismos de estruturação. Varro desenvolve complexos esquemas numéricos que podem ser interpretados como uma tentativa de ordenamento. Essa ordem seria um reflexo do ordenamento inerente ao mundo, em particular, o esquema quadripartido em que utiliza as categorias: espaço, objetos no espaço, tempo e ações no tempo (*locus, corpus, tempus e actio*) que foi muito empregado pelo polímata, fornecendo a base para o tratamento dos temas (VOLK, 2021, p.191). Não pretendo me demorar nessa questão, mas é preciso pontuar que debates acerca dos esquemas numéricos de Varro vêm ganhando espaço no cenário acadêmico. Isso porque o autor apresenta “inconsistências” em sua sistematização, as trocas abruptas de esquemas de organização podem

⁴ Para mais informações acerca do processo de desenvolvimento intelectual em Roma, ver a obra de Claudia Moatti, "The Birth of Critical Thinking in Republican Rome" de 2015.

ser entendidas como o reconhecimento de que nem sempre a realidade se conforma aos seus esquemas ordenados e, por isso, ao longo dos textos, podemos identificar alterações e desconsiderações de esquemas conforme o necessário. Essa perspectiva nos possibilitaria compreender que a transição entre os esquemas empregados pelo autor é fruto de seu ceticismo sobre a possibilidade de adquirir um conhecimento pleno sobre qualquer coisa⁵. Outra possibilidade é que essas trocas de esquemas ao longo do texto seriam um reflexo das suas habilidades enquanto satirista; em vez de defender de forma séria o emprego da ordem, usava essas “inconsistências” para zombar de outros eruditos pedantes⁶. Nossa trabalho está mais inclinado a adotar a primeira abordagem.

Os eruditos da República Tardia Romana estavam bem familiarizados com diferentes linhas filosóficas, Varro e seus companheiros recebiam uma educação⁷ literária tanto em latim, quanto em grego. Inclusive, era uma prática comum abrigar intelectuais gregos em suas casas. Escolas filosóficas como o Estoicismo, o Epicurismo, o Pitagorismo e as correntes da Academia faziam parte do cenário intelectual romano. No entanto, devemos reforçar que autores latinos não simplesmente absorveram e transmitiram de forma passiva os modelos dessas escolas filosóficas. Pelo contrário, o que percebemos é uma atividade que engloba adesão, reformulação e por vezes reação aos modelos helênicos de pensamento, constituindo o que podemos chamar de uma experiência filosófica romana⁸.

Comumente encontramos em estudos modernos a caracterização de Varro enquanto um simpatizante do Estoicismo, ou pelo menos, como alguém que esteve em afinidade com aspectos dessa escola filosófica. Esse artigo adota a abordagem em que se comprehende que Varro era um adepto da linha de Antíoco, da Velha Academia. Em cartas trocadas com Ático, Cícero anuncia a dedicação à Varro da segunda edição dos *Academica*, e informa que deu o papel antioqueano para ele por acreditar que este convém a ninguém melhor do que Varro (BLANK, 2012, p. 253). Alguns outros vestígios continuam a nos levar por essa direção; em um trabalho elaborado por Varro sobre *Philosophia*⁹, o polímata buscou examinar posturas

⁵ Essa abordagem é defendida por Katharina Volk em seu trabalho "Varro and the Disorder of Things" de 2019.

⁶ Essa abordagem foi recentemente elaborada por Leah Kronenberg e pode ser consultada em seu trabalho "Allegories of Farming from Greece and Rome. Philosophical Satire in Xenophon, Varro, and Virgil" de 2009.

⁷ A educação da élite romana também foi alvo de debates ao longo da República Tardia. Cícero e Varro se destacam nessa esfera ao discutirem áreas de conhecimento que deveriam constituir um “cânon”. Varro inclusive escreveu o *Disciplinarum Libri* e apesar da obra não ter sobrevivido, é possível encontrar através de outros textos antigos referências sobre esse trabalho que era dividido em nove partes. Para mais informações sobre esse assunto, consultar o trabalho de Kathryn Tempest “Cicero’s artes liberales and the Liberal Arts” de 2020.

⁸ Essa abordagem é explorada na obra organizada por Williams Gareth e Katharina Volk “Roman Reflections Studies in Latin Philosophy” de 2015.

⁹ A obra não chegou até nós, mas vestígios da elaboração de Varro sobre as questões éticas e filosóficas presentes na obra são apresentadas por Agostinho em *De civitate dei*.

éticas e filosóficas; ele começa com quatro posturas originais e por um processo de diferenciação chega a 288 possíveis posicionamentos, que ele então reduz até chegar em três finais, das quais ele escolhe sua favorita, que é identificada como a de Antioco com a Velha Academia. (VOLK, 2019, p. 206-207). Estabelecer um alinhamento entre Varro e a linha antioquiana nos ajuda a compreender melhor os aspectos compositivos de suas obras, mas é sempre importante ressaltar que não estamos lidando com uma sociedade simplista, em que as ideias eram facilmente colocadas dentro de caixinhas. Os intelectuais romanos da República Tardia podiam alinhar-se a certas correntes filosóficas, mas isso não excluía a possibilidade de adesão e reformulação de ideias pertencentes a outras correntes.

A partir desse breve esboço sobre Varro, foi possível identificá-lo enquanto um homem de grande erudição e um escritor prolífero que transitou sobre diversos temas¹⁰. Suas obras foram marcadas por uma busca da história romana a partir de abordagens etimológicas e de maneira sistematizadora. Apesar da religião não ser o foco do trabalho, não podemos deixar de evidenciar o espaço que os deuses e as instituições religiosas ocuparam no pensamento varroniano. A prática de Varro de combinar argumentação pró e contra uma determinada posição, assumindo ele mesmo o papel de refutar e resolver o assunto no final em uma demonstração de sua própria autoridade, reflexo do seu alinhamento a Antíoco, e alguns autores, inclusive, defendem que o *De lingua Latina* poderia ser um legado antioquiano¹¹. No mais, podemos dizer que Varro esteve comprometido em ordenar, e esse é um aspecto caro ao nosso trabalho, uma vez que nos interessa pensar como Varro realizou uma organização cósmica aplicada a agricultura no *De re rustica*.

De re rustica: uma leitura científica da obra

O *De re rustica* foi publicado por volta de 37 antes da era comum e é composto por três livros que abrangem três esferas de produção: a agricultura, a pecuária e a criação de animais

¹⁰ Varro explorou as origens e o desenvolvimento do povo romano nas obras *De vita Populi Romani*, *De gente Populi Romani* e *De familiis Troianis*; elaborou estudos acerca das palavras latinas e da literatura no geral em *De lingua Latina*, *De origine linguae Latinae*, *De antiquitate litterarum* e *De poetis*; falou das instituições cívicas e religiosas em *Antiquitates rerum humanarum* e *Antiquitates rerum divinarum*; escreveu sobre o teatro romano em *De scaenicis originibus*, *De comoediis Plautinis* e *Quaestiones Plautinae*; da agricultura em *De re rustica*; dentre muitos outros títulos. No trabalho de Boissier "Étude sur la vie et les ouvrages de M. T. Varron" de 1861 é possível consultar listas referentes as obras e as dedicações feitas por Varro.

¹¹ Para mais informações acerca desse posicionamento, consultar o trabalho de David Blank "Varro and Antiochus" de 2012.

da *villa*. A obra foi escrita na forma de diálogo¹², um gênero que foi utilizado por outros autores para discutir diversos tópicos, dentre eles, a filosofia e a ciência. O diálogo permite ao autor apresentar diferentes conceitos através de suas personagens, sem necessariamente se comprometer com uma delas, uma abordagem amplamente utilizada por Cícero. No *De re rustica*, Varro é um dos personagens, dialogando com autoridades do mundo agrícola e colocando a sua própria autoridade enquanto convededor das práticas de gestão fundiária. É importante enfatizarmos que apesar da obra ter o diálogo enquanto gênero textual, rotular obras clássicas de maneira tão rígida não nos parece frutífero, uma vez que os textos podem conter elementos de diversos gêneros (TAUB, 2008, p. 09).

Ainda que o *De re rustica* tenha como principal objetivo apresentar uma série de regras técnicas a serem seguidas na gestão de terras agrícolas, a obra apresenta articulações mais profundas e complexas (CORAZZI, 2010, p. 664), sendo um texto que aporta filosofia, religião, política e ciência. Essas articulações com diferentes áreas de conhecimento proporcionam diferentes leituras da obra, podendo acontecer com o tratamento de um tema específico, como por exemplo, uma leitura filosófica; como também é possível realizar leituras conjuntas, como por exemplo, a relação entre religião e cosmologia. Neste trabalho, partimos da perspectiva de que o *De re rustica* é um texto científico que nos permite realizar uma leitura cosmológica.

Compreendemos que usar o termo “ciência” para descrever atividades e textos antigos é, por si só, algo complicado. Parte do problema está no próprio debate do que constitui a ciência. O termo “ciência” é genuinamente moderno, não havendo um correspondente exato em outras épocas; alguns estudiosos afirmam que a elaboração antiga era uma “proto-ciência”, enquanto outros autores não questionam a presença de uma produção científica antiga. Não nos cabe aprofundar esse extenso debate, então apenas reconheceremos a sua existência. Todas as vezes que me referir a “ciência” ou a “científico”, usarei o termo de acordo com a abordagem de Liba Taub, que define o trabalho científico como uma tentativa de entender e explicar fenômenos físicos (TAUB, 2008, p. 08).

¹² Estudiosos como Matheus Trevizam identificam que os diálogos que compõem o *De re rustica* foram escritos sob o modelo “dialógico aristotélico” por terem como característica a presença do autor na narrativa e a alternância de longos discursos que resultam em sínteses teóricas nos casos de seu domínio. Contudo, é importante ressaltarmos que a denominação “diálogo aristotélico” está aberta ao debate. Não nos chegou nenhum diálogo aristotélico seguindo tal modelo. Cícero é o responsável por essa denominação, quando diz que comporá seus diálogos “ao modo aristotélico”, preferindo o discurso contínuo às falas curtas e entrecortadas características dos diálogos platônicos (Cic. *Fin.* 1.1-8), a estrutura do diálogo ciceroniano se tornou modelar para os demais autores de sua época e posteriores. A discussão sobre se este tipo de diálogo é realmente aristotélico, ou se é mais uma das inovações literárias de Cícero escapa aos nossos objetivos aqui. Para maiores detalhes, ver Claudia Beltrão “Construindo a Filosofia “Clássica”: Cícero e o Epicurismo” de 2020 e Schofield “Ciceronian Dialogue” de 2008.

Objetivamos com esta primeira parte do trabalho apresentar as linhas gerais do contexto intelectual ao qual Varro estava inserido. Bem como pontuar os principais aspectos que caracterizam as atividades intelectuais do polímata, e como ele abordava suas disciplinas. O contexto histórico nos ofereceu uma visão mais clara sobre como e por que certos textos foram produzidos e como eles se inserem nas tradições culturais e intelectuais da época (TAUB, 2008, p. 10). Na segunda parte do texto, discutiremos a cosmologia no cenário intelectual romano e sua presença no *De re rustica*.

Cosmologia e agricultura

Os romanos, assim como os gregos, desenvolveram teorias para explicar aspectos centrais da vida humana e o que está além da experiência humana. Assim, o *kosmos* e seu correlato latino *mundus*, foram tema de profunda reflexão por uma ampla gama de importantes figuras antigas, incluindo Varro. Na República tardia, podemos identificar uma crescente procura pela astrologia, esse empreendimento pode ser compreendido pelo que Katharina Volk caracteriza como um exemplo de interconexão entre os desenvolvimentos intelectuais e políticos de Roma (VOLK, 2021, p. 262-263). Com o aumento do conhecimento astronômico e das teorias filosóficas, aumentou também o encanto pelo céu noturno; o que pode ser identificado através da positiva repercussão que a tradução dos *Phaenomena de Arato* por Cícero teve. A tradução se tornou objeto de diversos comentários científicos e filosóficos, e o intelectual também realizou a tradução do *Timeu* de Platão. Nessa sessão, buscaremos refletir sobre a importância do céu para os romanos, principalmente enquanto um mecanismo de organização do tempo que estava diretamente ligado à vida agrícola.

A observação do céu se mostrou fundamental para várias atividades, pois as estrelas forneciam aos humanos indicações precisas do tempo. Os indicadores nos céus eram compostos por diferentes constelações; para referenciar uma constelação ou um grupo de estrelas, era empregado o termo *sīdus*, enquanto para referenciar uma única estrela empregado o termo *stella* (D'ANGERIO, 2022, p. 745). A agricultura era uma atividade indispensável e baseava-se no tempo, o que a tornava impossível de realizar sem a ajuda do céu. De acordo com D'Angerio, os antigos acreditavam que o propósito das estrelas era influenciar os ritmos da natureza, e entender a ordem cósmica era a maneira de analisar o presente e até mesmo de prever o futuro. (D'ANGERIO, 2022, p. 749). Grande parte dos calendários antigos foram criados através da observação das estrelas.

O calendário republicano era consideravelmente mais curto que o ano solar, e como forma de compensar esse descompasso, um mês adicional era intercalado em intervalos regulares na expectativa de manter o calendário cívico em conformidade com as estações. No entanto, nos anos finais da República a implementação era irregular e por vezes nem acontecia, o que ocasionou um desacordo entre os calendários. Durante a ditadura de César o calendário romano estava aproximadamente dois meses e meio à frente do calendário solar. César resolveu esse problema com a implementação de um novo calendário constituído de trezentos e sessenta e cinco dias com um dia extra a cada quatro anos. Esse empreendimento científico reverbera até os dias atuais, uma vez que o ocidente continua a usar o calendário juliano (VOLK, 2021, p. 280).

Essa breve contextualização nos ajuda a compreender as mudanças na organização do tempo dentro das obras de Varro; o *De re rustica* é a primeira obra do polímata em que aparece a relação entre as mudanças de estações e datas fixas (VOLK, 2021, p. 285-286). Em suas obras anteriores, como por exemplo, o *Antiquitates rerum divinarum*, essa relação não acontece justamente por se tratar de um trabalho escrito em um momento em que os calendários cívico e solar estavam desalinhados. Escrito por volta de 37 antes da era comum, o *De re rustica* nasce em um contexto diferente, em que os romanos estão familiarizados com a nova organização do tempo e é seguro estabelecer essas correlações. Nesse sentido, podemos dizer que o *De re rustica* reflete uma mudança importantíssima da organização do tempo que estava em curso desde 45 antes da era comum.

Voltando ao céu, é razoável supormos que certas constelações eram conhecidas por muitas culturas antigas, sendo as mais visíveis no céu noturno: a Ursa Maior, as Plêiades, as Híades, Orion e Sirius; Hesíodo menciona Híades e Orion como importantes para sinalizar os tempos agrícolas. Outras constelações como a Grande Serpente, as Ursas e os Gigantes apresentavam formações que possibilitavam a marcação de coordenadas celestiais (D'ANGERIO, 2022, p. 751). Os antigos agricultores observavam o céu em busca de sinais que indicassem que o ciclo da natureza estava pronto para recomeçar. A busca desses sinais era essencial para produzir os bens necessários para viver, por isso, era importante uma análise minuciosa das estrelas, caso contrário, poderia acarretar escassez de alimentos. Por sua relevância para as atividades agrícolas, essas considerações não eram tomadas por uma única pessoa, mas acordadas a partir de um grupo de agricultores e intérpretes das estrelas (D'ANGERIO, 2022, p. 754). As investigações do céu pelos antigos e as descobertas sucessivas de suas regras são significativas para o desenvolvimento de um pensamento científico.

Na República Tardia, a filosofia e a ciência estavam profundamente interessadas em entender o mundo natural e o cosmos. Já mencionamos a importância da observação empírica, mas vale ressaltar que meios matemáticos como a análise numérica e a redução de fenômenos haviam se tornado, para muitos, uma ferramenta principal para entender tanto as regularidades da natureza¹³, quanto as estruturas que sustentam a organização do cosmos como um todo (LEHOUX, 2012, p. 180).

Pensar em agricultura, implica, em algum grau, pensar sobre natureza e em como ela aparece no *De re rustica*. O termo *natura* passou por uma ampliação de seu significado ao longo do tempo, passando a abranger uma gama de aspectos da existência humana e do mundo natural. *Natura* poderia referir-se à natureza do espírito ou da mente (*natura animi*); à natureza das coisas ou do próprio universo (*natura rerum*), que abrangia leis naturais e fenômenos; bem como a um aspecto físico e espiritual do ser humano (*natura hominis*). É relevante ressaltarmos que é a partir de Varro e Cícero que o termo é ampliado para características físicas, além das psíquicas e espirituais. Gradativamente, essa ampliação do significado foi sendo empregada nos escritos do século I antes da nossa era (BUISEL, 2024, p. 21-24).

No *De re rustica*, faz-se uma distinção entre a natureza como crescimento espontâneo e a natureza cultivada, ou seja, entre o que a natureza dá e o que cresce a partir da intervenção humana. Em Varr.*Rust.*1.10, a personagem Escrofa argumenta que o homem deve imitar a natureza seguindo certas regras para que suas intervenções não sejam “*contrarium natura*” (BOGDAN, 2024, p. 104). Partindo de uma leitura filosófica e científica, podemos interpretar a fala de Escrofa como a apresentação de uma conduta que é benéfica para as leis naturais, garantindo a permanência de uma harmonia do cosmos. A natureza que não recebeu intervenção humana deve servir como modelo para o agricultor, que deve aprender com as plantas silvestres o cuidado necessário para que haja seu aperfeiçoamento, levando a uma *ars humana* que seja benéfica a natureza e útil para os seres humanos (BOGDAN, 2024, p. 107).

Retomando a questão dos calendários, ao longo de todo o *De re rustica* o polímata correlaciona atividades no campo ao nascimento de constelações, constituindo assim, um calendário agrícola baseado nas estrelas. Por exemplo, os enxertos devem ser feitos de modo mais conveniente sob a constelação de Cão¹⁴, a reprodução do rebanho no nascimento de Fides¹⁵, a retirada dos favos de mel inicia no nascer das Plêiades¹⁶. Esses são apenas alguns

¹³ A partir da quantificação, os estudiosos buscavam identificar padrões e regularidades na natureza, como as estações do ano e outros fenômenos naturais que pudessem ser expressos matematicamente.

¹⁴ Varr.*Rust.*1.51

¹⁵ Varr.*Rust.*2.24

¹⁶ Varr.*Rust.*3.27

exemplos que nos permitem vislumbrar a centralidade das estrelas para tais atividades. Nosso interesse está em um fragmento do primeiro livro no qual conseguimos compreender como Varro ancra as mudanças de estações em datas fixas, enquanto olha para o céu:

O primeiro dia da primavera é em Aquário, do verão, em Touro, do outono, em Leão, do inverno, em Escorpião. Como o vigésimo terceiro dia de cada um desses quatro signos é o primeiro das quatro estações e se dá que a primavera tem noventa e um dias, o verão noventa e quatro, o outono noventa e um e o inverno oitenta e nove, que, reduzidos aos dias do calendário oficial que agora está em vigor, fixam o primeiro dia da primavera em sete de fevereiro, do verão em nove de maio, do outono em onze de agosto e do inverno em dez de novembro, há que considerar alguns pontos repartindo o tempo com mais exatidão; eles se repartem em oito divisões: primeiro, do Favônio ao equinócio de primavera, quarenta e cinco dias; daí ao nascer das Plêiades, quarenta e quatro dias; disso até o solstício, quarenta e oito dias; daí ao nascer da Canícula, vinte e sete dias; daí até o equinócio de outono, sessenta e sete dias; daí até o ocaso das Plêiades, trinta e dois dias; disso até o solstício de inverno, sessenta e sete dias; daí até o Favônio quarenta e cinco dias¹⁷(Varr. *Rust.* 1.37).

Como discutido anteriormente, o *De re rustica* é a primeira obra do autor a referenciar o calendário juliano, e isso ocorre quando nos é dito que as datas serão fixadas de acordo com “calendário oficial que agora está em vigor”. As quatro estações do calendário, conforme descritas por Varro, são diferentes das nossas estações, no sentido de que começam em dias diferentes dos que usamos hoje. De acordo com Varro, as estações romanas começavam nos “Dias de Cruzamento”, em vez de nos “Dias de Quartos do ano”, como acontece hoje. Além de apresentar uma subdivisão clássica em quatro partes, também nos é apresentada uma subdivisão do ano em oito partes, ou seja, oito estações com extensões bastante diferentes (SPARAVIGNA, 2019, p. 01). O “cruzamento do quarto” são dias intermediários entre os solstícios e equinócios; esses dias marcam transições sazonais importantes e por vezes são associados a festivais e práticas agrícolas.

Na divisão apresentada por Varro, temos a medida solar do ano, cujo percurso podemos conectar a marcações importantes para as atividades agrícolas; o polímata divide o ano em quatro estações de três meses que são subdivididas em oito estações de aproximadamente um mês e meio cada. A primavera, que tem seu primeiro dia em Aquário, foi fixada em sete de

¹⁷ ”Dies primus est ueris in aquario, aestatis in tauro, autumni in leone, hiemis in scorpione. Cum unius cuiusque horum IIII signorum dies tertius et uicesimus IIII temporum sit primus et efficiat ut uer dies habeat XCI aestas XCIV, autumnus XCI, hiems XXCIX, quae redcta ad dies ciuiles nostros, qui nunc sunt, primi uerni temporis ex a.d VII id. Febr., aestiu ex a. d. VII id. Mai., autumnalis ex a. d. III id. Sextil., hiberni ex a. d. IV id. Nou., suptilius descriptis temporibus obseruanda quaedam sunt, eaque in partes VIII diuiduntur: primum a fauonio ad aequinocium uernum dies XLV, hinc ad uergiliarum exortum dies XLIV, ab hoc ad solstitium dies XLIX, inde ad caniculae signum dies XXVII, dein ad aequinoctium autumnale dies LXVII, exin ad uergiliarum occasum dies XXXII, ab hoc ad brumam dies LVII, inde ad fauonium dies XLV”

fevereiro, período em que ocorre a semeadura de algumas culturas e os campos de pastagem são arados¹⁸. O verão, que tem seu primeiro dia em Touro, foi fixado em nove de maio, esta é a estação da colheita dos grãos¹⁹. O outono tem seu primeiro dia em Leão, e foi fixado em onze de agosto, período em que ocorre uma das mais importantes atividades agrícolas, a colheita da uva (vindima). É também no outono que ocorre a remoção de árvores para a preparação do terreno²⁰. Por fim, o inverno tem seu primeiro dia em Escorpião e foi fixado em dez de novembro, momento propício para a poda de árvores, desde que seja feita em um momento em que a casca da árvore esteja livre de geada²¹ (SPARAVIGNA, 2019, p. 10).

Pode parecer difícil imaginar um calendário composto por oito estações, mas esse tipo de divisão existiu em outras sociedades antigas. De acordo com Amelia Sparavigna, é possível que tenha existido essa divisão das estações em calendários dos povos antigos da Grã-Bretanha, além disso, a autora sugere que a existência dessa prática calendárica difundida em civilizações ainda mais antigas. Mas vale ressaltar que, no caso do calendário de Varro, a duração das estações é diferente desses outros povos (SPARAVIGNA, 2019, p. 10). Ao realizar sua subdivisão, o polímata começa contando quarenta e cinco dias que ocorrem entre o Favônio e o equinócio de primavera; Favônio era o vento do oeste na cultura romana, ele era considerado um vento suave e benéfico, associado ao início da primavera e ao retorno da fertilidade e do crescimento. O Favônio era importante para a agricultura e para a meteorologia romana e, partindo do fragmento apresentado, podemos entender o Favônio como um marcador natural do início de uma nova estação agrícola.

Em seguida, Varro conta quarenta e quatro dias até o nascer das Plêiades; um agrupamento de estrelas pertencente a constelação de Touro, o surgimento e oceaso das Plêiades serviam como marcadores sazonais no calendário agrícola. Esse agrupamento estrelar aparece em vários escritos da tradição agrícola, como no poema de Hesíodo, em que ele apresenta o surgimento e o pôr das Plêiades como uma forma de marcar o começo da colheita e o arado. De acordo com D'Angerio, o “surgimento” e o “se pôr” refere-se ao surgimento helíaco e ao pôr helíaco; o surgimento helíaco acontece quando uma estrela é visível pouco antes do amanhecer, quanto ao pôr helíaco, a estrela fica visível logo após o anoitecer. No surgimento helíaco, a estrela pisca por um momento e logo depois é obscurecida pelo sol, e nos dias subsequentes as estrelas permanecem visíveis, mas não piscam (D'ANGERIO, 2022, p. 749).

¹⁸ Varr.*Rust.*1.36.6-10

¹⁹ Varr.*Rust.*1.36.11

²⁰ Varr.*Rust.*1.36.11-14

²¹ Varr.*Rust.*1.36.15

Em seguida, Varro conta quarenta e oito dias até o solstício, para então contar mais vinte e sete dias até o nascer da Canícula, que era o período mais quente do ano e que demanda grande atenção dos agricultores para proteger a plantação e os animais do calor. Até o equinócio de outono são contados sessenta e sete dias, para então ocorrer o ocaso das Plêiades em trinta e dois dias. Como podemos perceber, a observação das Plêiades e seu papel no calendário nos permite pensar na importância da astronomia para regular as práticas agrícolas e os rituais sazonais (SPARAVIGNA, 2019, p. 10).

Apesar de não ser o foco dessa análise, não podemos deixar de pontuar que o autor apresenta duas organizações do tempo, a primeira organiza o ano e é com base no sol, como acabamos de ver; a segunda ocorre com base nas fases da lua para organizar o mês. Esta é uma questão que pretendemos desenvolver em trabalhos futuros. Por fim, através da nossa leitura foi possível identificar o vínculo profundo que a agricultura tem com a observação dos céus, principalmente das Plêiades, e com os marcadores naturais, como o Favônio. Esses marcadores eram submetidos a cautelosos exames para que os ciclos ocorressem no tempo certo, evitando prejuízos e a escassez de alimentos.

Considerações finais

Através de Marcus Terencius Varro observamos como na República Tardia os membros da elite eram notavelmente educados e foram protagonistas de um “florescimento cultural” que incluía diversas práticas intelectuais. Como vimos, não podemos falar sobre um surgimento de uma “classe intelectual”, já que as atividades eruditas aconteciam como uma parte integrante do estilo de vida da elite. Mas, não podemos deixar de destacar que existia uma rede de sociabilidade entre os intelectuais que se conheciam na vida política e cooperavam na vida intelectual, incluindo dedicações mútuas de suas obras. Varro foi um homem ativo nesse círculo e sua erudição nos mais diversos temas chamou a atenção de seus contemporâneos e de seus leitores atuais. Apesar das obras de Varro terem passado por anos de obscuridade, têm se tornado objeto de atenção da academia. De acordo com Katharina Volk, o apelo atual de Varrão está ligado a uma virada autorreflexiva em erudição clássica, ou seja, estudiosos de antiguidade querem saber mais sobre estudiosos da antiguidade, buscando compreender como o conhecimento era produzido e compartilhado (VOLK, 2020, p. 221-222). Nosso trabalho faz parte desse fluxo acadêmico que identifica em Varro um potencial de contribuição para as pesquisas voltadas à erudição antiga.

A adoção de ideias científicas e filosóficas sobre o cosmos também podem ser sentidas nos escritos de Varro. Na antiguidade, diferentes formatos textuais foram considerados por seus autores como adequados para comunicar trabalhos científicos, ao considerarmos os mais diversos gêneros enquanto comunicações científicas, não só várias possibilidades de leituras surgem para as obras antigas, como também expandem a nossa compreensão da ciência antiga (TAUB, 2023, p. 09). O *De re rustica*, por exemplo, pode ser lido apenas pelo seu conteúdo científico, pelo seu aspecto filosófico, religioso ou político, assim como, também pode ser lido a partir de uma perspectiva geral enquanto uma obra técnica. O ponto é, os textos antigos possuem camadas temáticas que podem ser simplificadas ao se focar o primeiro plano da narrativa, ou que podem ser lidas separadamente de maneira a buscar entender como o autor articulou diferentes níveis e áreas de conhecimento. Neste trabalho, buscamos abordar o aspecto científico da obra de Varro, que apresenta em sua narrativa uma organização do tempo e das atividades agrícolas a partir do céu e dos indicadores naturais. A preocupação em manter uma ordem e uma intervenção humana benéfica na natureza pode ser percebida como uma forma de manter o curso das leis naturais, e assim, a harmonia do cosmos.

Em nosso estudo de caso, foi possível identificar a sistematicidade da escrita varroniana, aspecto que reflete o desenvolvimento do pensamento científico antigo, e que persiste no pensamento científico moderno enquanto uma forma de buscar clareza e precisão, objetivos caros a nossa escrita atual. Com este trabalho, esperamos ter demonstrado como estudos varronianos podem contribuir para uma história da erudição, ampliando nosso conhecimento sobre os interesses, os métodos e as competências científicas da Roma Antiga. Nosso principal objetivo é o de identificar a interpretação varroniana da cosmologia aplicada à agricultura e à gestão de propriedades agrícolas, e acreditamos ter alcançado esse objetivo através do nosso estudo de caso do *De re rustica*, leitura que nos permitiu refletir como os antigos organizavam o tempo, seus eventos astronômicos e as atividades agrícolas relacionadas a cada estação.

Referências

Fonte

VARRÃO. *Das coisas do campo*. Trad. Matheus Trevizam. Campinas: EdUnicamp, 2012.

Bibliografia

BELTRÃO, C. Construindo a Filosofia "Clássica": Cícero e o Epicurismo. *Archai*, v. 30, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.14195/1984-249X_30_12. Acesso em: 23 fev. 2025.

- BLANK, D. Varro and Antiochus. In: SEDLEY, D. (ed.). *The Philosophy of Antiochus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 250-289.
- BOGDAN, G. Racionalización, utilitas y natura en el libro I *De re rustica* de Varrón. In: GALÁN, L.; ASTORINO, M.P. (Comps.). *Concepción de la naturaleza en la literatura latina*. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación; Ensenada: IdIHCS, 2024, p. 93-112.
- BUISEL, M. D. Introducción. Polisemia de natura en el pensamiento latino. In: GALÁN, L.; ASTORINO, M.P. (Comps.). *Concepción de la naturaleza en la literatura latina*. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación; Ensenada: IdIHCS, 2024, p. 13-38.
- CORAZZI, G. Alcune osservazioni sulla data "drammatica" del III libro del "De re rustica" di Varrone. *Latomus*, v. 69, n. 3, p. 664-684, set. 2010.
- D'ANGERIO, R. Considerare and desiderare: An astronomic etymology. *RumeliDE Dil Ve Edebiyat Araştırmaları Dergisi*, v. 27, p. 745-756, 2022.
- HELLEN, S. Ancient Scholars on the Horoscope of Rome. *Culture and Cosmos*, v. 11, p. 43-68, 2013.
- HINE, H. Philosophy and philosophi: From Cicero to Apuleius. In: W.D., GARETH; VOLK, K. (eds.). *Roman Reflections: Studies in Latin Philosophy*. Oxford: Oxford Academic, 2015, p. 13-32.
- KRONENBERG, L. *Allegories of Farming from Greece and Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- LEHOUX, D. *What Did the Romans Know? An Inquiry into Science and Worldmaking*. Chicago, 2012.
- MARSHALL, R. M. A. Varro, Atticus, and Annales. *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, v. 60, n. 2, p. 61-75, 2017.
- MOATTI, C. *The Birth of Critical Thinking in Republican Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- NELSESTUEN, G. A. Varro, Dicaearchus, and the History of Roman Res Rusticae. In: *Institute of Classical Studies University of London*, 2017, p. 21-33.
- SALLES, R. Why Is the Cosmos Intelligent?: (2) Stoic Cosmology and Plato, Timaeus 30a2–c1. In: SALLES, R. (ed.). *Cosmology and Biology in Ancient Philosophy: From Thales to Avicenna*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021, p. 172-189.
- SPARAVIGNA, A. C. Varro's Roman Seasons. Hal-02387848, 2019, p. 1-11.
- TAUB, L. *Aetna and the Moon: Explaining Nature in Ancient Greece and Rome*. Corvallis-Oregon, 2008.
- TAUB, L. *Ancient Greek and Roman Science: A Very Short Introduction*. Very Short Introductions. Oxford: Oxford Academic, 2023.
- TAUB, L. *Science Writing in Greco-Roman Antiquity*. Cambridge University Press, 2017.
- TODISCO, E. Varro's Writings on the Senate. *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, v. 60, n. 2, p. 49-60, 2017.
- VOLK, K. Varro and the Disorder of Things. *HSCP*, v. 110, p. 183-212, 2019.
- VOLK, K. Versions of Varro. *The Journal of Roman Studies*, v. 110, p. 221-232, 2020.
- VOLK, K. *The Roman Republic of Letters: Scholarship, Philosophy, and Politics in the Age of Cicero and Caesar*. Princeton, 2021.
- WISEMAN, T. P. *Remembering the Roman People: Essays on Late-Republican Politics and Literature*. Oxford: Oxford University Press, 2009.